

















MAL E JUSTIÇA

2020 - 2022



MAL E JUSTIÇA

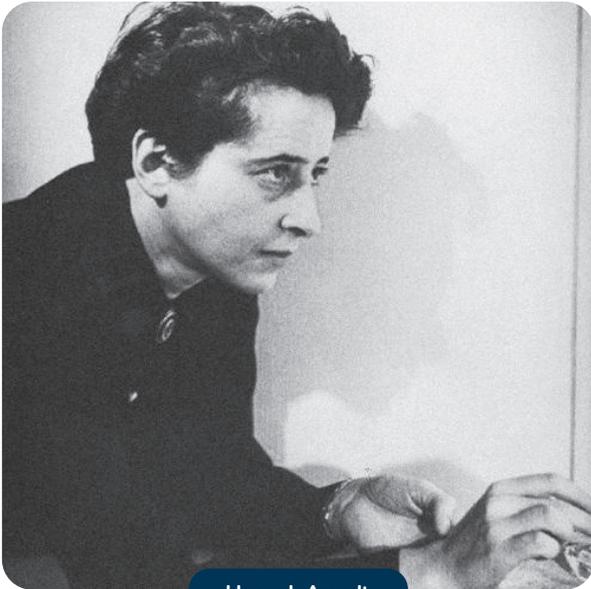
Veja como filósofos do século XX exploram os estudos sobre a justiça.

Esta subárea é composta pelas apostilas:

1. Hannah Arendt
2. John Rawls
3. Michel Foucault



HANNAH ARENDT



Hannah Arendt

EM QUE CONSISTE A MALDADE?

Hannah Arendt foi uma filósofa judia de origem alemã que se dedicou ao estudo do fenômeno do totalitarismo. Tendo presenciado de perto os horrores do nazismo, a filósofa escreveu uma obra chamada *As Origens do Totalitarismo*, onde analisa além do totalitarismo em si, a questão do antissemitismo e do imperialismo.

Além dos seus estudos sobre o totalitarismo, Hannah Arendt analisou também a natureza da maldade. A ideia para esse estudo lhe veio após assistir o julgamento de Adolf Eichmann, ex-oficial

nazista que foi responsável pelo assassinato de milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

ADOLF EICHMANN

Otto Adolf Eichmann foi tenente-coronel da SS (grupo de elite na Alemanha Nazista) e era responsável pela logística das deportações em massa de judeus. Após a guerra, ele conseguiu escapar da Alemanha para não ser capturado pelos Aliados, e por muitos anos escondeu-se na Argentina (que deu refúgio para vários alemães nazistas depois da guerra). Mas no começo da década de 60, ele foi encontrado e levado para ser julgado em Israel.

O governo argentino costumava recusar pedidos de extradição de criminosos de guerra nazistas. Curiosamente, a Argentina abriga muitos grupos neonazistas atualmente. Portanto, Eichmann foi literalmente sequestrado para o Estado Judeu pelo serviço secreto israelense (Mossad).

E muitos outros nazistas foram identificados, mas nem sempre capturados, como foi o caso do “anjo da morte” Josef Mengele, que acabou morrendo de ataque cardíaco no Brasil. Estes casos acabaram alimentando hipóteses e teorias da conspiração de que, por exemplo, Adolf Hitler teria escapado dos Aliados e sobrevivido escondido na Argentina ou até mesmo no Brasil.

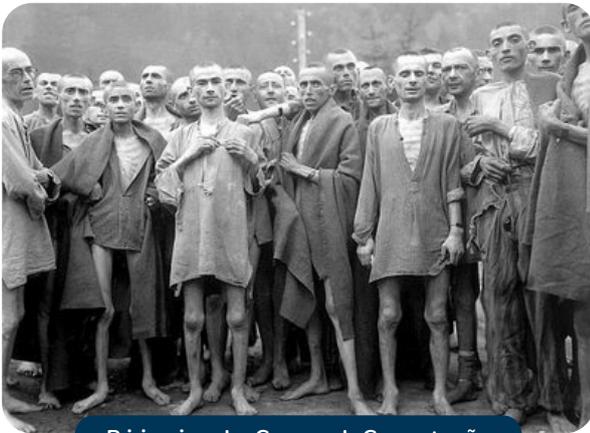


Adolf Eichmann em dois momentos: como oficial nazista e durante seu julgamento

HOLOCAUSTO: A “SOLUÇÃO FINAL”

O Holocausto foi o extermínio sistemático de milhões de seres humanos, principalmente os judeus, mas também ciganos, testemunhas de Jeová e comunistas, na Alemanha Nazista (e territórios conquistados) durante a Segunda Guerra Mundial.

Estima-se que aproximadamente 6 milhões de pessoas tenham sido assassinadas. Dentro da concepção nazista de mundo, o povo alemão deveria eliminar da sociedade todos os grupos indesejados e por eles considerados nocivos à sociedade. Os judeus e ciganos estavam entre os principais.



Prisioneiros dos Campos de Concentração

A maneira que os nazistas enxergavam os judeus, principalmente, era tão racista que era comum eles os compararem a um vírus (ou praga) que deveria ser exterminada o quanto antes. Para tornar isso possível, os líderes do partido nazista pensaram em várias opções como a deportação em massa, a esterilização e o extermínio.

A “Solução Final” encontrada foi o extermínio puro e simples. E assim, da mesma maneira que uma fábrica produz

em massa a mesma linha de produtos de forma rápida e eficiente, os nazistas criaram vários campos de concentração cuja função seria assassinar em massa os judeus, e ainda fazer com que os mais jovens trabalhassem como escravos até a exaustão.

Os judeus foram mortos por fuzilamento e nas câmaras de gás. Este último método certamente foi o mais dramático, pois eles eram colocados em banheiros coletivos nus e com todos os pelos do corpo raspados. Postos para “tomar banho”, ao abrirem a torneira em vez água saía um gás altamente venenoso chamado Zyklon B, que em questão de poucos minutos matava todos eles. Posteriormente, os corpos eram recolhidos e incinerados em fornalhas.



COMO FORAM POSSÍVEIS ATOS TÃO MONSTRUOSOS?

Para que todo o esquema de assassinatos em massa fosse possível era necessário que existisse uma burocracia rígida e as ordens fossem seguidas de forma estrita. E é aí que entra Adolf Eichmann, que a todo momento durante o julgamento defendeu o princípio de que estava somente seguindo as ordens dos seus superiores hierárquicos.



O que mais chocou Arendt foi ver que Eichmann era uma pessoa absolutamente normal. Ele não demonstrou nenhum ódio ou animosidade em particular contra os judeus, e não aparentou o comportamento de um assassino frio e cruel. Não obstante, isto fez com que a filósofa analisasse mais a fundo as suas declarações durante o julgamento.

EICHMANN ERA INCAPAZ DE PENSAR POR SI PRÓPRIO

Hannah Arendt observou que Adolf Eichmann era um burocrata medíocre incapaz de tomar uma decisão por si próprio ou de realizar qualquer reflexão pessoal. A sua fala era recheada de clichês e frases prontas, e ao longo do julgamento ele apresentou a mesma atitude de um subordinado militar, como se seu corpo estivesse no modo automático.

A conclusão a que chegou Hannah Arendt era que o “mal” era uma coisa banal, inerente à natureza humana, e que qualquer pessoa em potencial é capaz de praticar atos monstruosos a partir do momento em que abdica do pensamento crítico. Este é o sentido do conceito de “banalidade do mal”, que foi criado por ela.

Isto não quer dizer, em hipótese nenhuma, que Hannah Arendt isentava Eichmann da sua responsabilidade no Holocausto, ou que então diminuía o terror dos seus crimes. O que a filósofa pretendeu demonstrar é que nós estamos mais próximos do “mal” do que imaginamos, e faz parte da natureza humana a nossa capacidade de sermos “monstros”.

ANOTAÇÕES
